

## Formas de tratamento nominais de parentesco em tétum – um contributo para o Português de Timor-Leste

### Nominal Kinship Terms in Tetum – A Contribution to the Portuguese of Timor-Leste

Madalena Pereira Roben<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade do Porto, Faculdade de Letras

#### Resumo

O presente estudo exploratório centra-se no uso das formas de parentesco pelos timorenses em tétum e na transferência dessas formas para o português por falantes timorenses. O trabalho tem como principal propósito descrever, no âmbito pragmático, o fenómeno da generalização das formas de tratamento de parentesco em tétum e no português usado pelos timorenses. Metodologicamente, foi utilizado um corpus escrito, cujas fontes são enunciados extraídos das redes sociais, nomeadamente da página do Facebook de alguns timorenses, bem como a aplicação de um questionário a timorenses que mantêm contacto frequente com o português. Para o tratamento dos dados, procedeu-se à análise das formas de parentesco em duas fases: a primeira centra-se nos resultados retirados das redes sociais em tétum e português e a segunda consiste na apresentação das respostas ao questionário em português. Os resultados demonstram que os timorenses tendem a tratar pessoas que não pertencem ao mesmo grupo familiar utilizando algumas formas de parentesco em tétum, como “avó”, “aman”, “maun boot”, “maun”, “tia” e “mana”, mesmo quando se trata de figuras proeminentes do país, tanto em tétum como em português. Essas formas são usadas para estabelecer, para além de uma relação simétrica, também uma relação assimétrica entre os participantes do discurso, preservando a face positiva dos interlocutores.

**Palavras-chave:** Formas de tratamento em PE, formas de parentesco, língua tétum, português de Timor-Leste, pragmática.

#### Abstract

This exploratory study focuses on the use of kinship terms by Timorese speakers in Tetum and on the transfer of these forms into Portuguese by Timorese speakers. The main purpose of the study is to describe, within a pragmatic framework, the phenomenon of the generalisation of kinship forms of address in Tetum and in the Portuguese used by Timorese speakers. Methodologically, a written corpus was used, consisting of utterances extracted from social media, namely from the Facebook pages of some Timorese individuals, as well as the administration of a questionnaire to Timorese speakers who have frequent contact with Portuguese. For data analysis, the study of kinship forms was conducted in two phases: the first focuses on the results obtained from social media in Tetum and Portuguese, and the second consists of the presentation of the questionnaire responses in Portuguese. The results show that Timorese speakers tend to address people who do not belong to the same family group using certain kinship terms in Tetum, such as “avó”, “aman”, “maun boot”, “maun”, “tia”, and “mana”, even when referring to prominent figures in the country, both in Tetum and in Portuguese. These forms are used to establish not only a symmetrical relationship but also an asymmetrical one between discourse participants, while preserving the interlocutors’ positive face.

**Keywords:** Forms of address in EP, kinship terms, Tetum language, Timorese Portuguese, pragmatics.

## 1. Introdução

O tétum é língua oficial, a par do português em Timor-Leste, configurando-se, simultaneamente, como a língua nacional e franca dos timorenses. Trata-se de uma língua de origem austronésica, apresentando um carácter não flexional (Hull & Eccles, 2001). No seu campo lexical, a língua possui numerosos empréstimos do português, incluindo algumas formas de tratamento analisadas neste estudo. Em termos linguísticos, o tétum estabelece um contacto muito estreito com o português, sofrendo uma forte influência desta língua. No caso do português usado em Timor-Leste, este estabelece um contacto direto que ultrapassa o plano linguístico e se estende ao plano cultural. Com efeito, os timorenses, ao falarem português, nomeadamente no contexto timorense, tendem a transferir para esta língua algumas propriedades do tétum, bem como hábitos e costumes socioculturais. Uma das marcas culturais e linguísticas transferidas para o português pelos timorenses é o uso das formas de tratamento, que constitui o foco do presente estudo.

As formas de tratamento (FT) são uma das categorias linguístico-discursivas responsáveis pela codificação do comportamento dos falantes perante uma determinada situação comunicativa. O estudo dessas formas contribui para a compreensão do funcionamento de uma comunidade linguística, e o seu uso recorrente conduz à sua consolidação enquanto regras de uma prática social (Lopes, 2018). Estas normas, por sua vez, constituem hábitos e tradições de um povo, definindo a forma como uma comunidade estabelece as relações sociais entre os seus membros.

O sistema de formas de tratamento do tétum caracteriza-se por uma extensão pragmática das FT de parentesco, que são frequentemente utilizadas em interações com interlocutores sem laços de parentesco. Ao contrário do português, em que estas formas tendem a restringir-se ao contexto familiar, no tétum desempenham funções de tratamento generalizadas, constituindo uma das especificidades do sistema de tratamento timorense. Em 2006, Williams-van Klinken e Hajek realizaram um estudo sobre o padrão das FT em tétum, no qual se confirma esse uso alargado das formas de parentesco. No entanto, o referido trabalho apresenta algumas lacunas no que diz respeito ao uso das formas de tratamento de parentesco que será abordado neste trabalho. Um dos casos vai ao encontro do hábito dos timorenses de tratar algumas figuras proeminentes de Timor-Leste por “avós”. A palavra “avó(s)” constitui um empréstimo do português no tétum, contudo, sofre uma alteração ao nível pragmático, a qual será analisada neste trabalho, juntamente com outras formas. Para além deste aspeto, os autores não analisaram a transferência da característica pragmática para o português por parte dos falantes timorenses.

Com o intuito de preencher as lacunas identificadas na literatura sobre a interface pragmática entre as línguas oficiais de Timor-Leste, o presente estudo assume um carácter exploratório e visa descrever o funcionamento das formas de tratamento nominais de parentesco. Especificamente, este trabalho tem como objetivo geral analisar a extensão do uso destas formas na comunidade timorense em contextos de alocação pública e informal, avaliando o processo da sua transferência conceptual e pragmática para a variedade do Português de Timor-Leste (PTL).

Para operacionalizar este objetivo geral e orientar a análise empírica dos dados recolhidos, formularam-se as seguintes perguntas de investigação:

- I. De que modo as formas de tratamento nominais de parentesco (“avó”, “aman”, “maun”, “maun boot”, “mana” e “alin”) operam pragmaticamente nas interações digitais em língua tétum, no que concerne à gestão das faces e à dinâmica dos eixos horizontal (solidariedade) e vertical (poder)?

II. Em que medida o uso pragmaticalizado destas formas se transfere para as produções escritas espontâneas dos falantes timorenses quando estes comunicam em língua portuguesa?

Numa tentativa de responder a este núcleo de questões, o estudo pretende documentar e corroborar a hipótese de que a generalização dos termos de parentesco constitui um indício cultural identitário em consolidação, suscetível de caracterizar a evolução do português veiculado em Timor-Leste.

O estudo revela-se pertinente para a consolidação da sistematização das formas de tratamento de parentesco em tétum, bem como para a compreensão da contribuição que essas formas desempenham no português usado pelos timorenses.

## 2. Contacto entre o tétum e o português

A língua tétum é atualmente conhecida como tétum-praça ou tétum Díli. Esta variedade surgiu a partir do contacto com o português. Esse contacto linguístico caracteriza o tétum-praça por uma forte influência do português, a qual se manifesta sobretudo ao nível lexical, através de um número significativo de empréstimos, conforme discutido por Ximenes (2012). Outros estudos, como o de Williams-van Klinken e Hajek (2018), baseados na análise de textos provenientes de órgãos de imprensa timorenses, indicam que cerca de 35% do léxico desses textos corresponde a empréstimos do português, sendo estes mais frequentes na modalidade escrita do que na oralidade.

O português usado em Timor-Leste sofre igualmente uma forte influência do tétum, assim como da cultura timorense, envolvendo hábitos, práticas sociais e tradições da comunidade local. Este contacto resulta numa variedade do português com características próprias, nomeadamente ao nível do sotaque, do ritmo, do léxico e dos significados atribuídos a determinadas palavras (Albuquerque, 2011, 2012; Albuquerque & Barone, 2020). Os falantes recorrem, por exemplo, a termos do tétum sem equivalência direta noutras variedades do português e atribuem novos valores pragmáticos a formas lexicais partilhadas pelas duas línguas. Assim, o português constitui parte integrante da identidade de uma população plurilingue, apresentando particularidades específicas que se refletem, entre outros aspetos, no uso das FT.

À semelhança de outras línguas, o tétum dispõe de diferentes recursos linguísticos para o tratamento do interlocutor. Estes manifestam-se sobretudo através de formas de tratamento pronominais e nominais. Quanto às formas verbais, o tétum-praça não apresenta um sistema de tratamento baseado na flexão verbal, uma vez que os verbos não variam em função da pessoa gramatical. Assim, o presente estudo incide exclusivamente sobre as formas de tratamento nominais de parentesco.

De um modo geral, as gramáticas do tétum abordam as formas de tratamento sobretudo no âmbito dos pronomes pessoais, como se observa na gramática de Hull e Eccles (2001), não oferecendo, contudo, uma análise aprofundada do seu funcionamento pragmático. Uma exceção relevante é o estudo de Williams-van Klinken e Hajek (2006), que analisa os padrões de uso das FT no tétum Díli ou tétum-praça. Com base num corpus constituído por entrevistas televisivas e radiofónicas, observação de interações quotidianas e entrevistas a falantes timorenses de tétum, os autores propõem uma classificação hierárquica das FT, organizada do grau mais respeitoso ao menos respeitoso:

- *Ita-Boot* ‘2S.POLITE FORMAL’; professional titles; generic titles *señór/señora* ‘sir/madam’
- *Ita* ‘2S. POLITE’; professional/generic title + name
- kin terms; *anó, anoi* ‘dear one (young, male/female)’; *menina* ‘miss’; kin term plus name
- Names (without title or kin term); nicknames

- Ó ‘2S.FAMILIAR’. Outside this hierarchy is of course zero address, which neatly avoids identifying the relative status of and presumed relationship between interlocutors. (Williams-van Klinken & Hajek, 2006, p. 21.13)

Esta classificação evidencia que várias formas nominais do tétum resultam de empréstimos do português, nomeadamente “senhor/a” e títulos profissionais como “professor/a”, “doutor/a”, etc. No que se refere às formas de parentesco, os mesmos autores salientam que a maioria dessas formas em tétum é igualmente de origem portuguesa e que o seu uso se estende para além do contexto familiar:

Kin terms are the most widely applicable terms of address in Tetum, both within the family and outside of it. They can be used in almost all contexts except to professionals or other modern high status people in formal interactions. Kin terms reduce distance and formality, and emphasise solidarity. In Tetum, most of these terms of address are from Portuguese. (Williams-van Klinken & Hajek, 2006, p. 21.4)

Entre estas formas incluem-se “avô”, “avó”, “tio”, “tia”, “maun (mano)”, “mana”, “primo”, “prima”, “sobrinho”, “sobrinha”, “pai” e “mãe”. Embora estas formas tenham origem no português, o seu uso em tétum envolve um processo de pragmaticalização, adquirindo funções discursivas específicas que se afastam do seu significado literal de parentesco. Parte-se da hipótese de que este uso pragmaticalizado poderá ter influenciado o português usado em Timor-Leste, hipótese que será discutida e analisada nas secções seguintes.

### 3. Enquadramento teórico e conceptual

#### 3.1. Formas de tratamento: enquadramento pragmático e relacional

A consolidação da Pragmática enquanto ramo autónomo da Linguística operou uma viragem epistemológica crucial no estudo da linguagem, deslocando o foco da estrutura abstrata da língua para a análise da linguagem em uso e em contexto. Sob esta perspetiva, a pragmática adota o enunciado, e não a frase, como a sua unidade mínima de comunicação e análise. O enunciado é uma realização concreta, produzida por um locutor específico e direcionada a um alocutário determinado, num contexto situacional e sociocultural historicamente situado. É nesta ecologia do uso real que as formas de tratamento emergem não como meros ornamentos lexicais, mas como marcadores deícticos essenciais para a interpretação do sentido pretendido.

A articulação das FT com a dinâmica do discurso encontra a sua fundamentação basilar na Teoria dos Atos de Fala, proposta inicialmente por Austin (1962) e posteriormente sistematizada por Searle (1969). Austin postulou que enunciar algo não é meramente descrever um estado de coisas, mas sim praticar uma ação (o princípio do *doing things with words*). Nesta matriz, cada ato de fala desdobra-se em três dimensões simultâneas:

- O ato locutório, que corresponde à produção física e gramatical do enunciado;
- O ato ilocutório, que constitui a força ou a intencionalidade pragmática da ação realizada (perguntar, ordenar, saudar, felicitar, etc.);
- O ato perlocutório, que abrange os efeitos psicológicos ou comportamentais efetivos que o enunciado produz no interlocutor.

Dentro desta taxonomia, as formas de tratamento constituem operadores de força ilocutória e marcadores de adequação social. Como observa Searle (1969), o sucesso de um ato ilocutório depende do cumprimento de um conjunto de regras regulativas e constitutivas que governam a linguagem e a própria realização de atos de fala. A seleção de uma FT atua diretamente na validação dessas condições de adequação. Por exemplo, ao realizar um ato diretivo (como uma ordem ou um pedido), a inclusão de uma forma alocutiva inadequada pode anular a eficácia do ato ou transformá-lo numa ofensa linguística. Inversamente, num ato expressivo (como o

ato de felicitar um líder político ou manifestar apoio nas redes sociais), a escolha da FT molda a textura do enunciado, introduzir um termo familiar ou de parentesco modifica a força ilocutória, convertendo uma saudação institucional rígida numa manifestação de proximidade cultural e afeto grupal. Esta perspectiva é desenvolvida por Carreira (2001, 2002, 2004), que considera as formas de tratamento recursos privilegiados de designação do outro e de si próprio, fundamentais para a construção e regulação das interações verbais e das imagens sociais dos interlocutores. No mesmo sentido, Duarte (2010) salienta que, ao regular as relações intersubjetivas, permitem valorizar positiva ou negativamente o alocutário e evidenciam a atitude do locutor, o respeito pelas convenções sociais e o lugar que atribui ao seu interlocutor. Assim, o estudo das formas de tratamento constitui um domínio privilegiado para compreender a interação entre estrutura linguística, uso da língua e fatores socioculturais, como demonstram os trabalhos de Cintra (1972), Cunha e Cintra (1998), Carreira (1997, 2002), Gouveia (2008), Duarte (2010, 2011), Lopes (2018), Roque e Pinto (2023) e Marques e Duarte (2024), entre outros.

As interações verbais são reguladas por dinâmicas sociais que visam o equilíbrio e a preservação do relacionamento entre os interactantes. Goffman (1967) introduz o conceito de "face", definindo-a como o valor social positivo que uma pessoa reivindica para si própria durante uma situação comunicativa. Este conceito "face" esteve na origem da teoria de cortesia conceptualizada por Brown e Levinson (1987), que postula a existência de duas faces complementares: a face positiva, associada ao desejo de aprovação, afeto e pertença a um grupo, e a face negativa, que representa o desejo de autonomia, liberdade de ação e ausência de imposições. Essas duas classificações compõem ao mesmo tempo a cortesia positiva e negativa, constituindo duas orientações estratégicas distintas para a proteção de face dos interlocutores durante a interação verbal. A cortesia positiva manifesta-se através de estratégias linguísticas que reduzem a distância social entre os interlocutores, reforçando a proximidade, a confiança e a cooperação<sup>1</sup>. Enquanto a cortesia negativa alude-se às estratégias linguísticas que operam através do distanciamento, mantendo ou acentuando a distância social e a assimetria hierárquica, baseando-se no respeito pela autonomia do interlocutor.<sup>2</sup> Essa conceptualização surge com o intuito de estabelecer uma comunicação harmoniosa, na qual o locutor sabe dirigir-se de forma adequada ao seu alocutário. Um dos elementos linguísticos que contribui para essa comunicação são as formas de tratamento (Allen, 2019). Como destacam Marques e Duarte (2019), "o uso adequado das formas de tratamento é importante na preservação da face de si e dos outros" (p. 236).

O recurso a formas de tratamento informais, como o pronome "tu", pode constituir uma estratégia de cortesia positiva quando a relação entre os participantes e as normas socioculturais da comunidade linguística assim o permitirem. Tendo em conta a cortesia negativa que se manifesta através de estratégias linguísticas que procuram minimizar a imposição e respeitar o território pessoal do interlocutor, no domínio das FT, estas estratégias refletem-se, frequentemente, na utilização de formas mais formais e deferentes, como "senhor (a)", ou outras formas de tratamento honoríficas, que contribuem para manter uma maior distância social e para demonstrar respeito pela autonomia e pelo estatuto do interlocutor. Por conseguinte, as FT podem configurar-se como marcadores linguísticos de cortesia. Embora a cortesia não constitua, em si mesma, um domínio da Linguística, o seu estudo contribui significativamente para a compreensão do uso da língua em contexto comunicativo. Como justifica Kerbrat-Orecchioni (1996/2006), (...) "**as regras de polidez, embora não sendo propriamente de natureza linguística, merecem ser incorporadas à caixa de ferramentas dos linguistas, porque permitem explicar eficazmente aspetos importantes do funcionamento das línguas e dos discursos**" (pp.

<sup>1</sup> "Positive politeness is approach-based; it 'anooints' the face of the addressee by indicating that in some respects, S wants H's wants (e.g., by treating him as a member of an in-group, a friend, a person whose wants and personality traits are known and liked)." (Brown & Levinson, 1987, p. 317).

<sup>2</sup> "negative politeness is characterized by self-effacement, formality and restraint, with attention to very restricted aspects of H's self-image, centring on his want to be unimpeded." (Brown & Levinson, 1987, p. 317)

93–94). Neste sentido, Lara Bermejo (2018) sublinha que as formas de tratamento, a par de outros fenómenos pragmáticos, constituem um dos principais recursos linguísticos de manifestação da cortesia.<sup>3</sup>

Brown e Levinson (1987) salientam que a escolha inadequada das formas de tratamento também pode constituir uma ameaça à *face* do interlocutor, quando a forma utilizada não corresponde às normas de respeito, deferência ou proximidade social estabelecidas numa determinada comunidade linguística. Portanto, para estes autores, as formas de tratamento atuam como estratégias pragmáticas atenuadoras de potenciais atos ameaçadores da face (*Face-Threatening Acts*), mediando a distância social e o respeito mútuo. No âmbito da interação, a dicotomia entre cortesia positiva e negativa atualiza-se empiricamente através das formas de tratamento operantes num dado contexto discursivo. Estas formas funcionam como mecanismos de modelação da força ilocutória dos atos de fala, servindo para mitigar o potencial impacto dos Atos Ameaçadores da Face (FTAs). Assim, a validação de uma forma de tratamento como estratégia de cortesia (positiva ou negativa) depende estritamente do contexto. O estatuto dos interlocutores, a intenção do enunciado e a situação comunicativa são as variáveis que determinam se o uso de FT visa aproximar (cortesia positiva) ou distanciar (cortesia negativa).

A teoria da cortesia de Brown e Levinson (1987), nomeadamente a distinção entre cortesia positiva e cortesia negativa, apresenta pontos de convergência com o modelo de Brown e Gilman (1960), ao considerar o papel das relações de poder e da proximidade social entre os interlocutores. Estas dimensões encontram igualmente correspondência nos eixos vertical e horizontal que configuram as relações interpessoais, tal como descritos por Kerbrat-Orecchioni (1996/2006). O eixo vertical corresponde às relações assimétricas e organiza as interações em função das diferenças de poder e de estatuto entre os interlocutores. Em contrapartida, o eixo horizontal corresponde às relações simétricas e regula a proximidade relacional, a solidariedade e o grau de familiaridade ou de distância social entre os interlocutores. No plano pragmático, a escolha das formas de tratamento funciona como um indexador direto nestes eixos. O uso de um termo pode acentuar a distância hierárquica (eixo vertical) ou, inversamente, acionar uma estratégia de polidez positiva baseada no afeto e na inclusão grupal (eixo horizontal). Na Tabela 1, apresenta-se a descrição dos dois eixos segundo Kerbrat-Orecchioni (1996/2006).

**Tabela 1**

*Fatores que Caracterizam a Relação Horizontal e Vertical*

| Horizontal                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | Vertical                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Proximidade e distância:</li> <li>- Os participantes da comunicação mostram-se mais ou menos “próximos” ou “distantes”.</li> <li>- Relação de proximidade orientada para familiaridade e intimidade, ou seja, para o conhecimento maior ou menor entre os interlocutores.</li> <li>- Laço socio-afetivo que une os interlocutores.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Relação de “poder”, “hierarquia”, “dominação”, ou “relação de lugares”:</li> <li>- Os interlocutores não são sempre iguais na interação.</li> <li>- A desigualdade reflete a idade, o sexo, o estatuto, o papel interacional; ou ainda as qualidades mais pessoais como o domínio da língua, a competência, o prestígio, o carisma e até mesmo a força física.</li> </ul> |

Em virtude da Tabela 1, as FT constituem marcadores verbais que representam a construção das relações dos dois eixos e que podem ser categorizadas como “marcadores enfáticos; deíticos pessoais e sociais; e intimidade, familiaridade, solidariedade, proximidade, afetividade e informalidade ou como distância, hierarquia, formalidade, respeito e poder” (Allen, 2019, p. 33).

<sup>3</sup> No original: “A todos estos factores pragmáticos que inciden en la elección de una fórmula de tratamiento, sea esta pronominal o nominal, los denominamos de una manera muy general como cortesia.” (Lara Bermejo, 2018, p. 11)

Os dois eixos reguladores das relações interpessoais definem o enquadramento sociopragmático em que se processa o uso das formas de tratamento (FT). Neste enquadramento, fatores como a situação comunicativa (formal ou informal), o estatuto dos interlocutores, as relações de poder e de solidariedade entre estes, bem como a intenção comunicativa do enunciado, constituem variáveis que condicionam a escolha das FT, determinando se a interação privilegia estratégias de aproximação, associadas à cortesia positiva, ou de distanciamento, características da cortesia negativa. Como Duarte (2010) defende “o locutor tem de ter em conta, ao dirigir-se ao alocutário, as diferenças sociais, de idade, a proximidade ou a distância da relação, a formalidade ou informalidade da situação discursiva, isto é, o conjunto dos papéis sociocomunicativos de um dado acontecimento interaccional” (pp. 134–135).

Embora estas dimensões relacionais sejam consideradas universais, os elementos que as definem e as estratégias utilizadas para as preservar variam de acordo com a cultura. Consequentemente, a interpretação e o valor pragmático das formas de tratamento dependem das normas socioculturais da comunidade de fala. Esta perspetiva é corroborada por Kerbrat-Orecchioni (1996/2006), ao afirmar que “(...) essas regras não são universais: elas variam sensivelmente de uma sociedade para outra – bem como, aliás, no interior de uma mesma sociedade, segundo a idade, o sexo, a origem social ou geográfica dos interlocutores (...)” (p. 103). Esta variabilidade cultural verifica-se igualmente no uso das formas de parentesco em Timor-Leste e em Portugal, onde estas assumem valores pragmáticos distintos consoante as normas socioculturais que regulam as interações.

Tal como foi referido anteriormente relativamente à escassez de estudos sobre as FT em tétum, e ainda mais sobre as formas de parentesco, considera-se importante apresentar, como ponto de partida, as formas de tratamento de parentesco em português europeu e nas suas outras variedades, nas secções seguintes.

### 3.2. Formas de tratamento nominais de parentesco

Do ponto de vista morfossintático, as formas de tratamento classificam-se em pronominais, verbais e nominais (Cintra, 1972). No que respeita às formas nominais, Cintra (1972), Lopes (2018) e Nascimento (2020) consideram-nas um conjunto aberto, caracterizado por uma grande diversidade de recursos linguísticos. Nesta perspetiva, Allen (2019) organiza as formas de tratamento nominais segundo critérios de natureza semântica e lexical, distinguindo as seguintes categorias: nome próprio e/ou apelido; nome de parentesco; nome afetivo; nome de profissão; títulos (académicos, políticos, civis, militares, religiosos, nobiliárquicos e honoríficos); indicativos de idade; nomes de relação especial; e insultos.

No seu sentido prototípico, os termos de parentesco são utilizados para designar pessoas ligadas por relações familiares. Contudo, no português europeu (PE), algumas destas formas ultrapassam esse domínio referencial e são também empregues como formas de tratamento dirigidas a interlocutores sem qualquer vínculo de parentesco, assumindo diferentes valores pragmáticos. De seguida, apresenta-se o uso de algumas formas de parentesco no português europeu, com base na descrição de Nascimento (2020).

**Tabela 2**

*Algumas Formas de Parentesco em PE*

| Formas nominais que designam parentesco                                | Uso                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| - Pai e mãe                                                            | - Normalmente não seguidos dos nomes próprios e usados no contexto familiar.                                                                                                                                                                                                                              |
| - O avô, a avó, o tio, a tia, o primo, a prima, o padrinho, a madrinha | - Seguidos ou não de nome próprio e usados no contexto familiar.                                                                                                                                                                                                                                          |
| - Tio e tia                                                            | - Em zonas rurais, são formas de tratamento de respeito, de cortesia, para com mulheres e homens mais velhos, <b>embora não sendo parentes</b> .<br>- Em meios sociais altos, são também formas de tratamento usadas pelos jovens <b>para com os amigos dos pais e para com os pais dos seus amigos</b> . |

Conforme demonstrado na Tabela 2, as formas de parentesco *pai*, *mãe*, *avô*, *avó* e *primo(a)* podem ser utilizadas, com ou sem a referência ao nome próprio, entre os membros da família. Na atualidade, embora as relações entre pais e filhos ou entre avós e netos sejam hierarquicamente assimétricas, observa-se uma tendência para uma maior simetria nas formas de tratamento utilizadas no contexto familiar. A este respeito, Lopes (2018) refere que “é absolutamente corrente o uso de termos de parentesco entre pais e filhos, avós e netos, tios e sobrinhos, irmãos, verificando-se hoje em dia uma tendência para as relações simétricas no seio familiar, que se traduz no uso da 2.<sup>a</sup> pessoa do singular nas formas verbais” (p. 64).

Vejam-se alguns exemplos da autora:

- (3) (Ó) mãe/mamã/pai/papá, deixas-me jogar computador?
- (4) (Ó) filho, já chega de computador por hoje!
- (5) Avó/vovó/avô/vovô, lê-me uma história?
- (6) Tia/titi, preciso urgentemente que me dês uma explicação de matemática!

Em tétum, no registo oral, identifica-se igualmente o uso explícito das formas de tratamento ilustradas nos exemplos (3–6). No que diz respeito à conjugação verbal na segunda pessoa, é raro, do ponto de vista gramatical, que os membros mais novos da família tratem os mais velhos por *tu* ou recorram à segunda pessoa, uma vez que, por um lado, tal não é comum na comunidade timorense e, por outro, o tétum é uma língua sem flexão verbal.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 2, as formas de parentesco que podem ser utilizadas fora do contexto familiar são, sobretudo, “tio” e “tia”, nomeadamente no tratamento de pessoas mais velhas, em algumas regiões, e dos pais dos amigos, em determinados meios sociais. Nestes contextos, estas formas deixam de desempenhar exclusivamente uma função referencial e passam a funcionar como formas de tratamento que exprimem respeito e cortesia perante interlocutores sem qualquer relação de parentesco. Outra forma de parentesco cujo uso se estende para além do contexto familiar é “mano”. De acordo com o dicionário *infopédia*<sup>4</sup>, é “forma de tratamento informal entre indivíduos que são irmãos de sangue, irmão” e na forma coloquial é “aquele com quem se tem uma relação de afeto ou de amizade, amigo, companheiro” (Porto Editora, s.d.).

<sup>4</sup> Dicionário Porto Editora

Por outro lado, o uso desta forma estende-se até à camada dos jovens, na palavra de Nascimento (2020): “(...) entre jovens de classes sociais baixas, ocorrem as formas de tratamento correspondentes *mano* ou *man* (cf. então, *mano*, como é que é?)” (p. 2703). Deste modo, enquanto “tio” e “tia” tendem a ser utilizados em contextos que exprimem respeito e cortesia, “mano” associa-se sobretudo a contextos de maior proximidade, solidariedade e informalidade, particularmente entre os jovens.

Embora, no português europeu, os estudos sobre a extensão do uso das formas de parentesco sejam relativamente escassos, noutras variedades da língua portuguesa, nomeadamente no português de Angola (PA) e no português de Moçambique (PM), este fenómeno encontra-se amplamente registado. Neste âmbito, Balsalobre (2017) analisou as formas de tratamento nominais de parentesco no PA e no PM, demonstrando que as formas como “mãe”, “pai”, “tia” e “tio” não designam apenas familiares consanguíneos, podendo também ser utilizadas para tratar interlocutores sem qualquer vínculo de parentesco. A autora observa, por exemplo, que “mãe”, em contexto africano, “não designa apenas a progenitora de alguém, mas todas as pessoas que poderiam ocupar simbolicamente esse papel” (p. 259). O estudo mostra ainda que, em Angola e Moçambique, estas formas são frequentemente empregues no primeiro contacto com pessoas desconhecidas, tanto na rua como em instituições públicas, constituindo estratégias de aproximação, solidariedade, pertença comunitária e construção da identidade social.

Silva (2020), no seu trabalho sobre as formas de tratamento no português de Angola, destaca que, no ambiente académico, os fatores extralinguísticos, como idade e condição social, motivam os interlocutores a usar as formas de parentesco numa relação vertical, como se ilustra no seguinte exemplo:

(7) A **tia** Matilde ontem não assistiu à aula de sociolinguística?

(8) Não, **mana**. Ontem fui ao hospital.

Nos exemplos (7) e (8), observa-se que os interlocutores recorrem às formas de parentesco “tia” e “mana” para tratar pessoas sem laços familiares, refletindo uma relação assimétrica determinada, sobretudo, pela diferença de idade e pelo reconhecimento do estatuto social da interlocutora mais velha.

### 3.3. Formas de tratamento nominais de parentesco em tétum

Em tétum, apesar de não haver muitos estudos dedicados às formas de tratamento, de modo geral, este fenómeno, que reflete a cultura e a relação social da comunidade timorense, desperta o interesse de alguns estudiosos. Por exemplo, Mattoso (2001) analisa a representação da identidade nas formas de tratamento de parentesco em tétum. O autor menciona o uso das formas “maun/mana”, “tio/tia” e “avô/avó” da seguinte maneira:

trata-se do título *maun/mana* atribuído pelos irmãos mais novos aos irmãos mais novos e aos irmãos mais velhos, e, por extensão, atribuído também a pessoas do mesmo nível, mas às quais se deve um respeito afectuoso: por exemplo *maun Xanana*. Na mesma linha de significado pode-se mencionar também o título *tio/tia* atribuído a pessoas da geração anterior e ainda o título *avô/avó* atribuído a pessoas mais velhas. Estas formas de tratamento são, obviamente, de origem portuguesa, mas na língua de origem designam indivíduos ligado por laços de verdadeira consanguinidade. Ora, como testemunha esta forma de tratamento, os timorenses inspiraram-se neste modelo familiar para aplicar os mesmos títulos a relações sociais mais largas, quando elas são marcadas simultaneamente pela proximidade afectuosa e pelo respeito (Mattoso, 2001, pp. 11–12).

A partir desta descrição, Mattoso (2001) procura salientar que as formas do português usadas em tétum sofrem modificações pragmáticas no seu emprego, conforme igualmente assinalado por Williams-van Klinken e Hajek (2006).

Recorrendo ao trabalho de Williams-van Klinken e Hajek (2006), os autores salientam que os tratamentos de parentesco em tétum, como “avó/avô”, “maun” (irmão mais velho), “mana”, “alin” (irmão/irmã mais novo/a), “tio” e “tia”, são utilizados não apenas no seio familiar, mas também para tratar pessoas conhecidas e desconhecidas, com ou sem nome próprio. Estas formas têm como função diminuir a distância social e reforçar a solidariedade entre os interlocutores, isto é, estabelecer uma relação mais próxima, sendo simultaneamente consideradas respeitosas.

Os autores afirmam ainda que essas formas de tratamento não são recíprocas, ou seja, os mais velhos tratam os mais novos por “alin”, mas recebem, por sua vez, tratamentos como “avó”, “tio/tia” ou “maun/mana”, consoante a idade. Tal como é igualmente salientado no trabalho de Exposto et al. (2024), as formas “maun” (irmão mais velho) e “mana” são empregues tanto no contexto familiar como em espaços públicos para se referir a interlocutores com idade superior ou igual à do locutor. As formas “tio”, “tia”, “avó” e “avô” são usadas na família e em lugares públicos quando o locutor se dirige a alocutários com idade superior à sua. Já a forma “alin” (irmão mais novo) é utilizada quando o locutor se dirige a alocutários com idade igual ou inferior à sua, tanto no contexto familiar como em espaços públicos.

O alargamento do uso das formas de parentesco para além do domínio familiar não constitui um fenómeno exclusivo do tétum ou das variedades africanas do português. Fenómenos semelhantes são também observados noutras línguas, como o chinês. Jing (2025) expõe a questão da generalização das formas de tratamento nominal de parentesco em chinês. Neste estudo, põe-se em relevo que, entre os chineses, é comum tratar-se com as formas “tia” ou “avô” com o “nome próprio” ou da “profissão” mesmo que não pertençam legitimamente a um grupo familiar. Justifica-se que “o fenómeno da generalização dos termos de parentesco em chinês está intrinsecamente ligado à tradição de conceder importância à relação consanguínea e ao respeito pela hierarquia familiar.” (Jing, 2025, pp. 83–84).

Em síntese, a generalização das formas de parentesco observada no português de Angola, no português de Moçambique, no tétum e no chinês evidencia que estas formas desempenham funções pragmáticas associadas ao respeito, à solidariedade e à construção da proximidade social. Nas seguintes secções, serão apresentados e discutidos os dados do presente estudo relativos à generalização das formas de parentesco na língua tétum e no português usado em Timor-Leste.

#### 4. Metodologia

Para o presente estudo, a recolha de dados foi realizada em duas fases, com o objetivo de identificar as formas de tratamento de parentesco utilizadas em tétum e no português usado pelos timorenses, assim como caracterizar os respetivos contextos de uso.

A primeira fase consistiu na constituição de um corpus de comentários produzidos por falantes timorenses em tétum e em português, recolhidos na rede social Facebook e na aplicação WhatsApp. Considerou-se que estas plataformas constituem espaços privilegiados de interação social, onde ocorrem usos representativos das formas de tratamento de parentesco. Do Facebook foram recolhidos comentários de felicitações publicados em páginas de figuras públicas timorenses e em publicações de utilizadores timorenses que escrevem em português; do WhatsApp foram selecionados *captions* de estados e mensagens de grupos dos quais a investigadora faz parte. Foram recolhidas 85 ocorrências em tétum e 50 em português. A maioria dos enunciados corresponde a atos de fala expressivos e reflete diferentes contextos interacionais, caracterizados por diversos graus de proximidade e de hierarquia entre os participantes, nomeadamente entre cidadãos e líderes políticos, bem como entre colegas.

A segunda fase consistiu na aplicação de um questionário a 45 participantes timorenses, com níveis de proficiência em português correspondentes aos níveis intermédio e avançado e cuja idade varia entre 18 e 51 anos. A maioria dos participantes possui licenciatura ou mestrado, exercendo atividade como professor ou estudante, sendo maioritariamente proveniente de Díli e de Baucau. A maioria declarou utilizar o português com frequência.

O questionário é composto por seis perguntas sobre o uso das formas de tratamento de parentesco em atos diretivos e expressivos, dirigidas a interlocutores com idade superior e relativamente igual à do locutor, em português usado pelos timorenses. Nas duas últimas questões, foram apresentados enunciados com atos expressivos a duas personalidades de destaque de Timor-Leste. As perguntas são de escolha múltipla e apresentam opções correspondentes a formas de tratamento de parentesco e a outras formas nominais, permitindo comparar a frequência de utilização de cada uma delas. Foram igualmente incluídos interlocutores de nacionalidade portuguesa, timorense e guineense, funcionando esta variável como elemento de controlo metodológico para verificar se o uso das formas de parentesco varia em função da perceção de pertença ao espaço lusófono.

A combinação destas duas técnicas permitiu conjugar dados de uso espontâneo com dados de perceção e de preferência linguística dos falantes, proporcionando uma análise mais abrangente do fenómeno em estudo.

A análise dos dados incidiu sobre aspetos pragmáticos, nomeadamente a relação entre os interlocutores, os eixos de poder e solidariedade, os contextos de interação e as estratégias de preservação da face associadas ao uso das formas de tratamento de parentesco. A análise incidiu exclusivamente sobre as formas de tratamento de parentesco empregues em contexto alocutivo, isto é, na referência direta ao interlocutor (segunda pessoa).

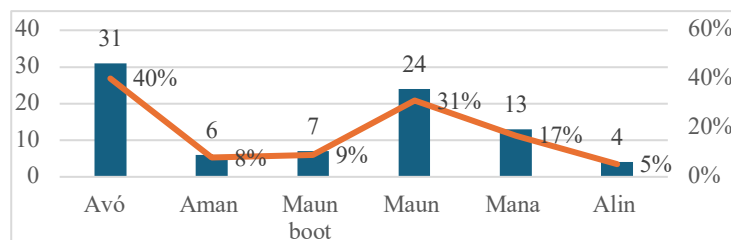
## 5. Apresentação e discussão dos dados

Na apresentação e discussão dos resultados, começam por ser analisadas, as formas de parentesco em tétum e em português utilizados pelos timorenses, de seguida, os dados obtidos a partir do questionário.

### 5.1. Fase 1 - Resultados dos enunciados retirados das redes sociais

**Figura 1**

*Formas de Tratamento Nominais de Parentesco em Tétum*



A Figura 1 ilustra o total de cada forma de tratamento de parentesco recolhida em tétum: (1. *Avó* = avô; 2. *Aman* = pai; 3. *Maun boot* = irmão grande/primeiro irmão; 4. *Maun* = irmão mais velho; 5. *Mana* = irmã mais velha e 6. *Alin* = irmãos mais novos). Como se mostra na Figura 1, dos 85 dados recolhidos, foram registadas 31 (40%) ocorrências da forma “avó”, 24 (31%) da forma “maun”, 13 (17%) da forma “mana”, 7 (9%) da forma “maun boot”, 6 (8%) da forma “aman” e 4 (5%) da forma “alin”.

As seis formas de parentesco registadas em tétum, são todas usadas para tratar pessoas que não pertencem a um grupo consanguíneo, e algumas delas referem-se a líderes importantes de Timor-Leste, como José Manuel Ramos Horta (Presidente atual), José Alexandre Kay Rala Xanana Gusmão (Primeiro-Ministro atual), José Maria Vasconcelos ou Taur Matan Ruak (ex-Primeiro-Ministro), Mari Bim Amude Alkatiri (ex-Primeiro-Ministro) e Francisco Guterres Lu-Olo (ex-Presidente). Consideram-se os seguintes <sup>5</sup>exemplos:

<sup>5</sup> Dos empréstimos do português usados nos comentários recolhidos para este estudo, muitos não estão escritos segundo a norma padrão do tétum.

- (9) *Ami povo kontenti ho imi nain Rua nia amizade, hanesan ne'e mak Avo<sup>6</sup> Ramos+ Avo Nana+Avo Mari + Avó Taur + Avo Lere +Tan Avo Lu, Povo Mais Alegria Liu Tan. Tamba haree exelensia Sira Nia hamutuk lori Timor-Leste ba oin.*  
 ‘Nós, o povo, estamos contentes com a vossa amizade, por isso, se o **avô Ramos+ o avô Nana + o Avô Mari+ o Avô Taur+ o Avô Lere + mais o avô Lu**, o povo fica mais alegre porque Vossas Excelências estão juntos e levam Timor-Leste para o mundo.’
- (10) *Kontenti bainhira hare Aman nasaun nain rua hamutuk ho hamnasa midar, nafatin sai Aman edukador no ezemplar ba joven timor oan tomak, espera maromak nafatin haraik saude diak no vida naruk tamba ami hotu sei presija avo nain rua atu hamutuk nafatin hodi luta ba desenvolvimento, paz no estabilidade.*  
 ‘Estou contente, quando vejo a união dos dois **pais da Nação** com um sorriso doce, continuem a ser um pai educador e exemplar a todos os jovens timorenses, espero que Deus vos conceda sempre boa saúde e longa vida porque todos nós ainda precisamos a união dos dois avós para lutar pelo desenvolvimento, pela paz e pela estabilidade.’
- (11) *Festa natal ba tinan ida ne'e spesial tebes mai SLXG tanba partisipa mós husi ami nia fundadora Mana Kirsty Sword Gusmão no mós ami niacpatrosinador Maun Boot Kay Rala Xanana Gusmão no hetan partisipasaun mós husi membru konsellu, parseiru dedikadu sira, joven, no voluntáriu sira.*  
 ‘A festa de Natal deste ano, é muito especial para nós SLXG pois contou com a participação da nossa fundadora, Mana Kristy Sword Gusmão, e também do nosso patrocinador, **grande irmão Kay Rala Xanana Gusmão**, bem como dos membros do conselho, parceiros dedicados, jovens e os voluntários.’
- (12) *Semitério Becuse halot Saudozo Joaquim Antonio Alin hetan prejensa husi Maun Taur Matan Ruak.*  
 ‘No cemitério de Becuse foi enterrado o saudoso Joaquim António Alin, com a presença do **irmão mais velho Taur Mata Ruak**.’

<sup>6</sup> Na maioria dos dados encontra-se a forma “avó” escrita sem acento. Segundo a ortografia padronizada do tétum, a forma correta da sua escrita é com acento.

### 5.1.1. Discussão dos resultados relativos ao tratamento de líderes nacionais

**Tabela 3**

*Formas de Parentesco Usadas para com Pessoas Proeminentes*

| Formas de parentesco | Isolada* | + Primeiro nome | + Apelido | + Nome completo | + Diminutivo | + Elementos acompanhantes | Exemplos dos elementos acompanhantes                                               | Total |
|----------------------|----------|-----------------|-----------|-----------------|--------------|---------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| <b>Avó</b>           | 2        | 10              | 8         | 0               | 10           | 0                         | -                                                                                  | 30    |
| <b>Aman</b>          | 0        | 0               | 0         | 2               | 0            | 4                         | <i>Aman ba nasaun</i><br>(pai da nação);<br><i>Aman luta-nain</i><br>(pai lutador) | 6     |
| <b>Maun boot</b>     | 1        | 1               | 1         | 3               | 0            | 0                         | -                                                                                  | 6     |
| <b>Maun</b>          | 0        | 3               | 1         | 2               | 0            | 0                         | -                                                                                  | 6     |

\* Forma isolada corresponde aos casos em que a forma de parentesco ocorre sem qualquer outro elemento nominal acompanhante.

Como se observa na Tabela 3, a forma de parentesco “avó” é a mais frequente no corpus, ocorrendo sobretudo em combinação com o primeiro nome, o diminutivo/ hipocorístico<sup>7</sup> e o apelido. Estes dados mostram que este tratamento “avó” ocorre com diferentes nomes das pessoas conhecidas em Timor-Leste. Vejamos os seguintes exemplos:

(13) *Parabens Avo Mari.*

‘Parabéns, **avô Mari**.’

(14) *Parabens Presidente da Republika Avo Ramos.*

‘Parabéns, Presidente da República, **avô Ramos**.’

(15) *Viva avo Nana<sup>8</sup> ho avo Ramos.*

‘Viva, **avô Nana** e avô Ramos.’

(16) *Avo Nana ho Avo Horta iha Povo Timor-Leste nia fuan.*

‘O avô Nana e o **avô Horta** estão sempre no coração do povo timorense.’

Nestes exemplos, os interlocutores a quem é dirigida a forma “avó” não têm necessariamente laços consanguíneos com o locutor. Neste sentido, embora a relação entre o locutor e o líder permaneça hierarquicamente assimétrica, o recurso à forma “avó” reduz simbolicamente a distância social entre ambos, aproximando o líder da comunidade através deste tratamento de parentesco. Esta utilização enquadra-se nas estratégias de cortesia positiva propostas por Brown e Levinson (1987), uma vez que o locutor procura enfatizar a proximidade, a pertença ao mesmo grupo e a valorização do interlocutor, reconhecendo-o como uma figura respeitada e socialmente relevante. No que respeita à idade, a forma “avó” é utilizada para tratar interlocutores

<sup>7</sup> Refere-se ao designativo de vocábulo familiar usado como diminutivo de um nome e com intenção afetuosa, muitas vezes formado pela duplicação de sílabas (Infopédia – Dicionário Porto Editora).

<sup>8</sup> Nome estimado de Xanana Gusmão designado pelo povo timorense.

cuja idade e características físicas remetem para a figura de um avô. Nestes casos, a diferença etária contribui para a construção de uma relação vertical ou assimétrica. Como refere Kerbrat-Orecchioni (1996/2006), os interlocutores podem estar ligados por fatores socioafetivos, sendo a diferença de idade um dos elementos que caracteriza as relações verticais. Esse tratamento pode ser modulado, como ocorre quando se utiliza o nome estimado dos líderes, como é ilustrado no exemplo (15).

A forma de tratamento “Aman (pai)” ocorre seis vezes no corpus, sendo utilizada exclusivamente para se dirigir a figuras proeminentes, nomeadamente a Presidentes e ex-Presidentes de Timor-Leste. Das seis ocorrências registadas, quatro surgem em combinação com expressões que identificam ou caracterizam o papel do interlocutor enquanto figura de referência e principal responsável pela nação. Observem-se os seguintes exemplos:

(17) *Aman nasaun nian visita Nia povu sira.*

‘O pai da Nação visita o seu povo.’

(18) *Agradece no obrigado ba Disponível Tempo Aman General Taur Matan Ruak, (...).*

‘Agradecemos a disponibilidade e o tempo, pai General Taur Matan Ruak.’

(19) *Parabéns aman lutanain no liderança Timorensen.*

‘Parabéns, pai lutador e líder timorense.’

A forma “aman” reflete uma alternativa através da qual o locutor expressa o seu respeito pelos líderes de maneira afetiva, criando um vínculo de proximidade, semelhante ao de um pai que cuida ou trata dos seus filhos. Assim, esta forma assinala uma relação hierarquicamente assimétrica, mas socialmente mais próxima entre o locutor e o interlocutor, preservando a face positiva deste último, mesmo quando é tratado dessa forma. Tal como afirmam Williams-van Klinken e Hajek (2006), as formas de parentesco, no contexto timorense reduzem a distância social e dão ênfase à solidariedade ou à proximidade. Esta variedade no uso parece refletir o hábito dos timorenses de tratar os seus líderes com respeito e afeto.

Para além das formas de tratamento “Avô” e “Aman”, as formas “Maun boot” e “Maun” são igualmente utilizadas para se dirigir a líderes nacionais. Consideram-se os seguintes exemplos:

(20) *Festa natal ba tinan ida ne'e spesial tebes mai SLXG tanba partisipa mós husi ami nia fundadora Mana Kirsty Sword Gusmão no mós ami nia patrosinador Maun Boot Kay Rala Xanana Gusmão no hetan partisipasaun mós husi membru konsellu, parseiru dedikadu sira, joven, no voluntáriu sira.*

‘A festa de Natal deste ano, é muito especial para nós SLXG pois contou com a participação da nossa fundadora, Mana Kirsty Sword Gusmão, e também do nosso patrocinador, Maun Boot Kay Rala Xanana Gusmão, bem como dos membros do conselho, parceiros dedicados, jovens e os voluntários.’

(21) *Remodelasaun, Deputado Verdial: Ami KHUNTO Iha Maun-Boot Naimori nia Liman.*

‘Remodelação, deputado Verdial: Nós do KHUNTO estamos nas mãos do grande irmão Naimori.’

(22) *Poder iha maun boot sira hanesan: Avo Nana, maun boot TMR, maun Lu olo, maun Mari Alkatiri, maun Lere (...).*

‘O poder está com os grandes irmãos: o avô Nana, o grande irmão TMR, o irmão mais velho Lu olo, o irmão mais velho Mari Alkatiri, o irmão mais velho Lere (...).’

(23) *Poder iha maun boot sira hanesan: Avo Nana, maun boot TMR, maun Lu olo, maun Mari Alkatiri, maun Lere (...).*

‘O poder está com os maun boot: o avô Nana, o grande irmão TMR, o irmão mais velho Lu olo, o **irmão mais velho Mari Alkatiri**, (...)’

(24) *Poder iha maun boot sira hanesan: Avo Nana, maun boot TMR, **maun Lu olo**<sup>9</sup>, maun mari Alkatiri, maun Lere (...)*

‘O poder está com os maun boot: o avô Nana, o grande irmão TMR, o **irmão mais velho Lu olo**, o irmão mais velho Mari Alkatiri, o irmão mais velho Lere (...)’

As formas “maun boot” e “maun” são literalmente sinónimos no sentido de se referirem ao irmão mais velho em português. No entanto, em tétum, são usadas para se dirigir a interlocutores importantes, com um sentido de respeito e proximidade. Parece-nos que a forma “maun boot” adquire um valor pragmático específico quando é utilizada fora do contexto familiar, uma vez que “maun boot”, que significa em português “irmão grande/ grande irmão/ primeiro irmão se for no contexto familiar”, carrega um valor enfático. Esse carácter provém da palavra “boot” (grande em português), um adjetivo que enfatiza a função de ser o “grande irmão”. Assim, o seu uso fora do seio familiar enfatiza a pessoa com papel de relevo e exerce uma forte influência na comunidade timorense. Essa designação torna a pessoa mais importante do que a forma “maun”. Assim, podemos inferir que a forma “maun boot” marca uma relação assimétrica, devido ao aspeto hierárquico. Tanto uma quanto a outra são usadas para proteger a face positiva do interlocutor.

Os dados empíricos extraídos do *corpus* digital (Fase 1) revelam uma utilização sistemática recorrente dos termos de parentesco prototípico para a esfera político-institucional. Nas caixas de comentários do Facebook e WhatsApp, a análise das mensagens de felicitação e apoio dirigidas a líderes históricos (como Xanana Gusmão ou Ramos-Horta) evidencia uma preferência sistemática pelos termos “avó” e “aman (Pai)”.

Do ponto de vista pragmático, esta seleção atua como uma estratégia de cortesia positiva (Brown & Levinson, 1987). Ao transferir o líder do topo de uma hierarquia burocrática para o seio de uma estrutura familiar conceptual, o locutor atenua a distância social ao eixo vertical (Kerbrat-Orecchioni, 1996/2006). A utilização de enunciados como “Parabéns, nosso Avó Xanana” ou “Força, Aman Ramos-Horta” não constitui uma perda de respeito; pelo contrário, codifica uma deferência máxima baseada na autoridade cultural e nos hábitos. Trata-se de um “trabalho de face” (Goffman, 1967) que valida a face positiva do líder, reconhecendo o seu papel de protetor da nação, ao mesmo tempo que cimenta a coesão e a identidade coletiva do povo timorense no eixo horizontal da solidariedade.

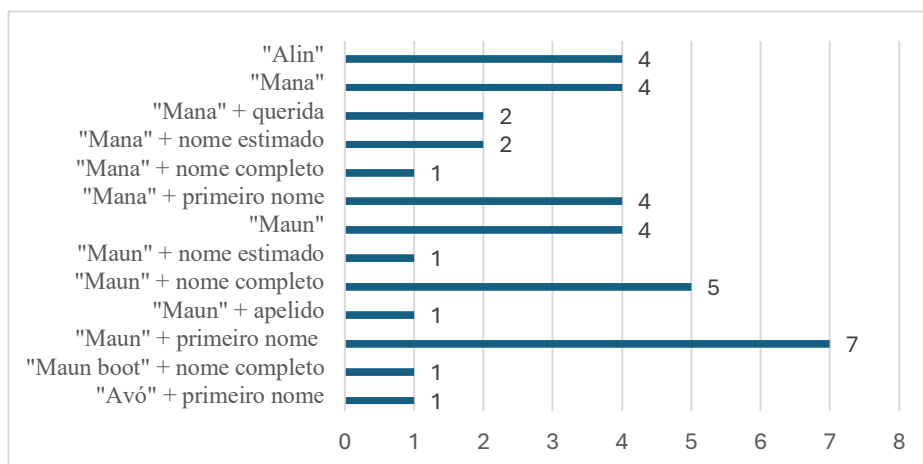
---

<sup>9</sup> Além de ser o apelido é o código usado durante a resistência timorense.

### 5.1.2. Discussão dos resultados relativos ao tratamento de pessoas comuns

**Figura 2**

*Resultados das Formas de Parentesco Usadas para com Pessoas Comuns*



Como mostra a Figura 2, a forma “maun” é a mais frequente no tratamento dirigido a pessoas comuns, ocorrendo sobretudo em combinação com o primeiro nome e, em menor número, com o nome completo, o apelido e o diminutivo. Também se registam ocorrências das formas “mana”, “alin”, “maun boot” e “avó”, utilizadas isoladamente ou acompanhadas por diferentes elementos nominais. De seguida apresentam-se alguns exemplos que ilustram melhor algumas dessas formas.

(25) *Furak demais Maun Luis.*

‘Está muito lindo, **irmão mais velho Luís.**’

(26) *Parabens Ba Maun Jino ho Mana Sica.*

‘Parabéns ao **irmão mais velho Jino** e à **irmã mais velha Sica.**’

(27) *Tanba ne hau orgullu tebes ho alin sira (...).*

‘Por isso, fico muito orgulhoso dos **irmãos mais novos.**’

(28) *Parabéns maun boot Nelson Turquel.*

‘Parabéns, **grande irmão Nelson Turquel.**’

(29) *Avo Hendrika tinan 72 (...).*

‘**A avó Hendrika** tem 72 anos (...).’

Tal como se revela nos exemplos (25–29), as formas de parentesco em tétum “avó”, “maun boot”, “maun”, “mana” e “alin” também são usadas de forma alargada para se dirigir a interlocutores sem relação de parentesco, independentemente de serem pessoas conhecidas ou não pelo locutor. Esses tratamentos podem ser usados com o primeiro nome, o apelido ou o nome estimado de pessoas conhecidas pelo locutor. Normalmente, para os desconhecidos, utilizam-se esses tratamentos sem nomes. As mesmas formas podem ser usadas também quando o locutor não quer repetir o nome do alocutário.

A combinação das formas de parentesco com nomes próprios ou apelidos evidencia uma relação horizontal assente na proximidade e no respeito entre os interlocutores, conforme observam Williams-van Klinken e Hajek (2006):

When using a name to address someone whom one normally calls by a kin or professional term, the name must be preceded by the kin term or title. It is normally the Christian name or (in informal contexts) a nickname that is used, for instance, maun Atoi ‘older brother Atoi (common nickname for António)’, madre Jacinta ‘mother (nun) Jacinta’, señora Carolina ‘Mrs Carolina’. Combinations of title and first name, e.g. doutór António ‘Dr. António’, **combine respect for status and/or achievement with familiarity or friendship normally associated with the first name alone.** (p. 21.6)

Estes resultados mostram que as formas de parentesco desempenham uma função pragmática que ultrapassa o seu uso prototípico. O seu emprego constitui uma estratégia de cortesia positiva proposta por Brown e Levinson (1987), uma vez que permite ao locutor expressar proximidade, solidariedade e afeto, preservando simultaneamente a face positiva do interlocutor. Assim, embora não exista qualquer relação de parentesco entre os participantes, estas formas contribuem para reforçar o sentimento de pertença ao mesmo grupo social e para atenuar a distância interpessoal.

É importante salientar que as formas “maun” e “mana” podem corresponder a “mano” e “mana” em português. No entanto, para os timorenses, “maun” e “mana” referem-se predominantemente a irmãos mais velhos, ao contrário do português, em que “mano” e “mana” podem designar tanto irmãos mais velhos como mais novos. Deste modo, embora estas formas sejam empréstimos do português, o seu uso em tétum é substancialmente distinto, não apenas a nível lexical, mas também a nível pragmático, como evidenciam os dados deste estudo exploratório.

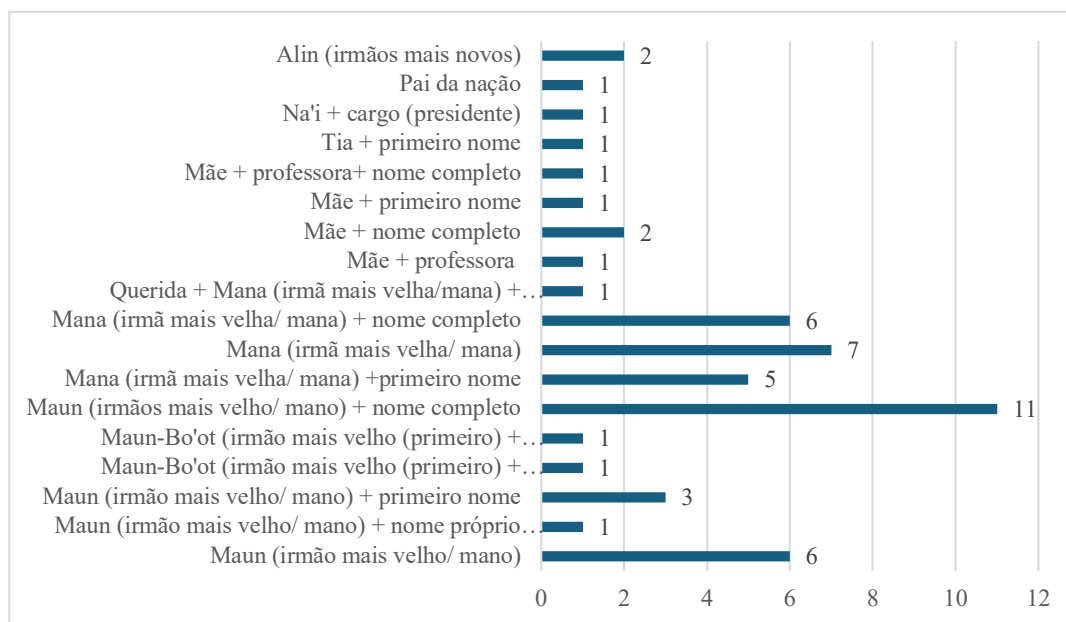
Assim, apesar de o português europeu admitir o uso de algumas formas de parentesco fora do contexto familiar, como “tio”, “tia” e “mano” (Nascimento, 2020), em tétum esse fenómeno apresenta uma extensão e uma produtividade muito maiores, aproximando-se do que foi observado no português angolano e no português moçambicano por Balsalobre (2017) e Silva (2020). Com efeito, diversas formas de parentesco são empregues como formas de tratamento dirigidas a interlocutores sem relação de parentesco, incluindo membros da comunidade e líderes timorenses, veiculando valores de cortesia, respeito e proximidade, especialmente em contextos informais.

#### 5.1.3. Formas de tratamento de parentesco em tétum usadas no português de Timor-Leste

O uso das formas de tratamento em tétum, elencadas e discutidas nos pontos anteriores estende-se igualmente ao português falado pelos timorenses. De seguida, apresentam-se dados relativos a um número reduzido dessas ocorrências, que podem contribuir como evidência para futuros trabalhos em prol da construção do português veiculado em Timor-Leste.

**Figura 3**

*Formas de Parentesco Usadas pelos Timorenses em Português*



Na Figura 3, registam-se os diferentes usos das formas de parentesco usadas em português pelos timorenses, sendo elas “maun”, “maun boot”, “mana”, “tia”, “mãe” e “pai”. Das 50 ocorrências recolhidas, as formas “maun” e “mana” são predominantes. Além disso, encontram-se duas ocorrências da forma “maun boot” seguida pelo nome/apelido “Xanana” (uma das figuras importantes de Timor-Leste). Vejamos os seguintes exemplos:

- (30) Parabéns **Maun**. Acredite no seu potencial põe Deus em frente, leva a esperança dos seus pais para alcançar o seu sonho. Mais uma vez parabéns. Um grande abraço.
- (31) Esta manhã, terminada a nossa reunião semanal, conduzi **o Maun Bot PM Xanana** de volta para o Palácio do Governo.
- (32) Parabens ba **mana Idelta**! Bom trabalho e usufrui seu conhecimento profissional.
- (33) Parabéns e muito sucesso **mãe Benvinda**.

Tal como se verificou nas Figuras 1 e 2 e na Tabela 3 relativamente às formas de tratamento de parentesco usadas em tétum, em português, essas podem ser utilizadas isoladamente ou podem vir acompanhadas do nome próprio (primeiro nome, diminutivo, nome completo) e do cargo. A maioria destas formas é utilizada entre interlocutores que se conhecem, não se limitando aos timorenses, mas estendendo-se igualmente aos portugueses, conforme evidenciado nos comentários da página do Facebook de alguns portugueses conhecidos pelos timorenses.

Todas estas formas são tratamentos que exprimem respeito e afeto. Estes resultados constituem uma evidência de que os locutores timorenses estabelecem uma relação de proximidade com os seus interlocutores e recorrem às formas de parentesco como estratégia de preservação da face positiva proposta por Brown e

Levinson (1987). No entanto, essas formas podem marcar a relação vertical, caso o locutor as utilize com base na posição, idade e outros fatores extralinguísticos (Kerbrat-Orecchioni, 1996/2006).

O exemplo (32) evidencia o uso da forma “mãe” fora do contexto familiar, conferindo respeito e reconhecimento a mulheres que exibem traços maternais associados ao cuidado, à proteção e ao reconhecimento social, como acontece com o português angolano e o português moçambicano, destacado no trabalho de Balsalobre (2017).

Em conjunto, estes resultados sugerem que o português usado pelos timorenses incorpora estratégias pragmáticas próprias do tétum, nomeadamente no domínio das formas de tratamento. A utilização de termos de parentesco em português constitui, assim, uma manifestação do contacto linguístico entre as duas línguas e evidencia uma das especificidades pragmáticas do português de Timor-Leste.

## **5.2. Fase 2 – Resultados do questionário**

Devido ao número reduzido de ocorrências relativas ao uso das formas de tratamento de parentesco em português por falantes timorenses, foi aplicado um questionário sobre o uso dessas formas a timorenses com contacto com a língua portuguesa. Os resultados dos 45 inquiridos são apresentados na Tabela 4, com base nas seis perguntas formuladas no questionário. Importa salientar que, na descrição dos resultados, são apresentados apenas os dados correspondentes às opções mais frequentemente seleccionadas pelos inquiridos.

**Tabela 4**

*Forma de Tratamento mais Frequentemente Seleccionada pelos Inquiridos*

| Perguntas                                                                                                                                                                                                     | Formas nominais mais utilizadas                 | Total |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------|-------|
| 1. Imagine que conhece um português com idade superior a si, há muito/pouco tempo em Timor-Leste e queria pedir-lhe ajuda; qual das seguintes formas usaria?                                                  | - <b>Maun</b> , pode ajudar-me?                 | 15    |
|                                                                                                                                                                                                               | - <b>Senhor</b> , pode ajudar-me?               | 28    |
| 2. Imagine que no restaurante “Nha Casa” situado em Metiaut-Díli, queria perguntar o preço da sobremesa a uma senhora guineense que tivesse idade relativamente igual a si, qual das seguintes formas usaria? | - <b>Mana</b> , quanto custa esta sobremesa?    | 35    |
|                                                                                                                                                                                                               | - <b>Senhora</b> , quanto custa esta sobremesa? | 16    |
| 3. Imagine que no seu local de trabalho ou de estudo costuma comunicar com um colega timorense com idade superior a si em português e queria pedir-lhe ajuda, qual das seguintes formas usaria?               | - <b>Maun</b> , pode ajudar-me?                 | 30    |
|                                                                                                                                                                                                               | - <b>Mano</b> , pode ajudar-me?                 | 11    |
| 4. Imagine que no seu local de trabalho ou de estudo costuma comunicar com uma colega timorense com idade relativamente igual a si em português e queria pedir-lhe ajuda, qual das seguintes formas usaria?   | - <b>(Nome próprio)</b> , pode ajudar-me?       | 30    |
|                                                                                                                                                                                                               | - Mana, pode ajudar-me?                         | 18    |
| 5. Imagine que queria escrever uma mensagem de felicitações numa das redes sociais ao senhor atual Primeiro-Ministro, qual das seguintes expressões usaria?                                                   | - Parabéns, <b>senhor Primeiro-Ministro</b>     | 33    |
|                                                                                                                                                                                                               | - Parabéns, <b>avô Xanana</b>                   | 18    |
| 6. Imagine que quer escrever uma mensagem de felicitações numa das redes sociais ao senhor atual Presidente, qual das seguintes expressões usaria?                                                            | - Parabéns, <b>senhor presidente.</b>           | 33    |
|                                                                                                                                                                                                               | - Parabéns, <b>avô Ramos.</b>                   | 14    |

As quatro primeiras perguntas procuravam averiguar a influência da idade, da nacionalidade e da proximidade entre os interlocutores na seleção das formas de tratamento. Os resultados mostram que a escolha varia em função destes fatores. Perante um interlocutor português mais velho, a maioria dos inquiridos prefere a forma “senhor”, revelando maior distância social. Em contrapartida, quando o interlocutor é timorense ou guineense e existe maior proximidade sociocultural, predominam as formas de parentesco “maun” e “mana”, sobretudo quando a idade relativa do interlocutor o justifica. Estes resultados corroboram a observação de Williams-van Klinken e Hajek (2006), segundo a qual a escolha das formas de tratamento em tétum depende fortemente da idade relativa entre os interlocutores.

As questões 5 e 6 apresentam dados quase semelhantes e significativos relativamente ao uso da forma senhor com os cargos de Presidente e Primeiro-Ministro. O contexto situacional dos enunciados representa atos expressivos de felicitação. Comparando com os dados da Tabela 3, os inquiridos optam por usar mais a forma “senhor” acompanhada do cargo do que a forma “avó” com nome próprio.

Assim, os resultados indicam que na pergunta 5, 73% escolheram “senhor Primeiro-Ministro” e o mesmo resultado foi obtido para a pergunta 6. Os locutores optam maioritariamente pelas formas protocolares “Senhor

Presidente” e “Senhor Primeiro-Ministro”, reconhecendo o estatuto institucional dos destinatários e preservando a sua face positiva através de um tratamento deferente. Esse uso pode ter origem na profissão dos locutores, dado que a maioria é estudante e professor. Embora a forma “senhor” + “título profissional” seja predominante, cerca de 30% dos inquiridos optaram por tratar os dois líderes por “avó” + nome próprio. Este resultado contrasta parcialmente com os dados do corpus das redes sociais, nos quais predominam as formas “avo” e “aman”. Tal diferença sugere que a escolha das formas de tratamento depende do contexto comunicativo: em situações espontâneas e informais, os falantes recorrem mais frequentemente às formas de parentesco, ao passo que, num contexto de resposta a um questionário, tendem a privilegiar formas protocolares e institucionalizadas.

Assim sendo, as formas de parentesco utilizadas são semelhantes, tanto na forma como no uso, tendo como objetivo a construção de relações de respeito, proximidade e hierarquia. A proximidade é sobretudo influenciada pelo fator afetivo que o locutor nutre pelo seu interlocutor, enquanto a hierarquia ou o poder são determinados por fatores socioculturais, nomeadamente a idade e a posição social.

Tal como ocorre noutras variedades do português apresentadas na literatura, como a angolana (Silva, 2020) e a moçambicana (Balsalobre, 2017), e em línguas como o chinês, observa-se também no tétum uma partilha comum, no sentido da generalização das formas de tratamento de parentesco para o público em geral, reforçando o seu papel sociopragmático na gestão da distância social e da solidariedade. Uma característica distintiva observada no tétum diz respeito à possibilidade de tratar os líderes do país com formas de parentesco.

Os resultados obtidos sugerem que o português de Timor-Leste incorpora estratégias pragmáticas próprias do tétum no domínio das formas de tratamento. A utilização de formas de parentesco em português não ocorre de forma aleatória, mas antes em função de fatores sociopragmáticos, como a idade, a proximidade, a posição social e o contexto de interação, desempenhando um papel relevante na expressão de respeito, solidariedade e gestão da distância social.

## 6. Conclusão

Em virtude da literatura exposta e dos dados analisados, o presente estudo com carácter exploratório permite-nos concluir que as formas de tratamento de parentesco, quer em língua tétum quer em português usado pelos timorenses, são aceitáveis fora do contexto familiar dando uma sensação de deferência e afeto. As formas “avó”, “aman”, “mãe”, “tia”, “maun”, “maun boot”, “mana” e “alin” têm um uso estendido ao público, incluindo as pessoas proeminentes de Timor-Leste. Podem ser usadas, ou não, com o nome próprio e o apelido. No âmbito da pragmática, essas formas podem ser empregues fora do ambiente familiar para construir uma relação interpessoal nos dois eixos (horizontal e vertical). No eixo horizontal, caracteriza-se mais pelo afeto ou pela proximidade; quanto ao eixo vertical, são mais influenciadas por fatores extralinguísticos, como idade e posição social.

Vale ressaltar que, embora as formas “avó”, “pai”, “mãe”, “tia” e “mana” sejam empréstimos do português, em Timor-Leste, parecem ter sido pragmaticalizadas no tétum. Parece-nos que essas formas podem caracterizar o português de Timor-Leste, dada a sua frequência no português falado pelos timorenses. Além de caracterizar o PTL, podem ser uma representação das práticas socioculturais do país, valorizando assim o sentimento de pertença e o espírito de uma comunidade com características solidárias e unidas.

Por fim, este estudo contribui para a descrição das formas de tratamento no contexto timorense e evidencia a necessidade de aprofundar a investigação sobre o português de Timor-Leste. Em trabalhos futuros, pretende-se ampliar o corpus de dados em português de Timor-Leste e analisar igualmente as formas de tratamento pronominais e verbais, de modo a obter uma caracterização mais abrangente do sistema de tratamento nesta variedade do português. Do ponto de vista metodológico, futuras investigações poderão recorrer a técnicas de obtenção de dados mais espontâneas das formas de tratamento, nomeadamente através da apresentação de imagens representativas de situações comunicativas específicas e da solicitação aos participantes da produção

de uma interação escrita ou oral adequada ao contexto apresentado. Esta abordagem poderá permitir a recolha de dados mais próximos do uso efetivo da língua e complementar os resultados obtidos por questionário.

### Financiamento

Este trabalho é financiado pela Bolsa de Investigação do Instituto Camões, I.P. e pela Bolsa do Fundo de Desenvolvimento do Capital Humano e da Universidade Nacional Timor Lorosa'e.

### Referências

- Albuquerque, D. B. (2011). O português de Timor-Leste: Contribuições para o estudo de uma variedade emergente. *PAPIA*, 21(1), 65–82. <https://www.academia.edu/download/21362648/102-1034-1-PB.pdf>
- Albuquerque, D. B. (2012). Especificidades do léxico do português de Timor-Leste/Peculiarities of East Timorese Portuguese Lexicon. *PAPIA*, 22(1), 201–223. <https://www.academia.edu/download/31466809/340-1217-1-PB.pdf>
- Albuquerque, D. B., & Barone, M. (2020). Prosódia do português de Timor-Leste comparada com as demais variedades: um estudo introdutório. *Revista Philologus*, 26(78), 3021–3036. <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/194>
- Allen, A. S. F. (2019). *O sistema de formas de tratamento em português europeu: Contributos para a compreensão da sua reestruturação a partir de textos escritos do século XX* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/40875>
- Austin, J. L. (1962). *How to do things with words*. Oxford University Press.
- Balsalobre, S. R. G. (2017). Expressões de poder e de solidariedade em Moçambique e em Angola: Observando a inter-relação entre gênero e formas de tratamento. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, (32), 55–80. <https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2017.32/pp.55-80>
- Brown, P., & Levinson, S. C. (1987). *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge University Press.
- Brown, R., & Gilman, A. (1960). The pronouns of power and solidarity. In T. A. Sebeok (Ed.), *Style in language* (pp. 252–275). MIT Press.
- Carreira, M. H. A. (2001). Formas de tratamento de português como designação do outro e de si: Perspetivas de investigação e transposição didática. *Cadernos de PLE*, 1. <https://doi.org/10.34624/cadernosple.v0i0.36754>
- Carreira, M. H. A. (2002). La designation de l'autre en portugais européen : Instabilités linguistiques et variations discursives. In M. H. A. Carreira (Ed.), *Instabilités linguistiques dans les langues romanes* (Vol. 16, pp. 173–184). Université Paris 8.
- Carreira, M. H. A. (2004). Les formes d'allocution du portugais européen : Valeurs et fonctionnements discursifs. *Franco-British Studies*, 33/34, 35–45.
- Cintra, L. F. L. (1972). *Formas de tratamento na língua portuguesa*. Livros Horizonte.
- Cunha, C., & Cintra, L. F. L. (1998). *Nova gramática do português contemporâneo* (13.<sup>a</sup> ed.). Edições João Sá da Costa.
- Duarte, I. M. (2010). Formas de tratamento: Item gramatical no ensino do português língua materna. In A. M. Brito (Org.), *Gramática: História, teorias, aplicações* (pp. 133–146). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8312.pdf>
- Duarte, I. M. (2011). Formas de tratamento em português: Entre léxico e discurso. *Matraga*, 18(28), 84–101.
- Exposto, E., Aleixo, H., & Roben, M. (2024). Formas de tratamento nominais – Português Europeu VS Tétum-Dili. In S. Freitas, S. Fonseca, P. Faria, A. Guterres, B. Sarmiento, C. Gusmão, E. Exposto, G. Costa, H. Aleixo, H. Oliveira, I. Silva, L. Pereira, L. Lopes, M. Roben, M. Pinto, M. Rosário, M. Araújo, N. Magno,

- P. Serra, & S. Soares (Eds.), *Livro de artigos seleccionados das VIII Jornadas Pedagógicas – A língua portuguesa como instrumento de acesso ao conhecimento* (pp. 269–291). Editora Imprensa Nacional de Timor-Leste.
- Goffman, E. (1967). *Interaction ritual: Essays on face-to-face behavior*. Pantheon Books.
- Gouveia, C. (2008). As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em português europeu. In F. Oliveira & I. M. Duarte (Eds.), *O fascínio da linguagem* (pp. 91–100). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6695.pdf>
- Hull, G., & Eccles, L. (2001). *Gramática da língua tétum*. Editora Lidel.
- Jing, Y. (2025). *Inadequações pragmáticas no uso do português por aprendentes chineses de PLE: O caso dos pedidos e das ordens* [Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/98776>
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2006). *Análise da conversação – Princípios e métodos* (C. P. Filho, Trad.). Parábola Editorial. (Trabalho original publicado em 1996).
- Lara Bermejo, V. (2018). *La cortesía en la Península Ibérica: Dialectología del «Sprachbund» suroccidental*. Peter Lang. <https://doi.org/10.3726/b14493>
- Lopes, A. C. M. (2018). *Pragmática: Uma introdução*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1604-9>
- Marques, M. A., & Duarte, I. M. (2019). Formas de tratamento e preservação da face em interações verbais online. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, (5), 236–249. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a17>
- Marques, M. A., & Duarte, I. M. (2024). Formas de tratamento e papéis sociodiscursivos em debates políticos televisivos em Portugal: 1975–2022. *LaborHistórico*, 10(2), e63403. <https://doi.org/10.24206/lh.v10i2.63403>
- Mattoso, J. (2001). Sobre a identidade de Timor Lorosa'e. *Camões. Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, 14. [https://catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/docs%202018\\_19/MATTOSO%20\(2001\).pdf](https://catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/docs%202018_19/MATTOSO%20(2001).pdf)
- Nascimento, M. F. B. (2020). Formas de tratamento. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura, A. Mendes, & A. Andrade (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. 3, pp. 2701–2730). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Porto Editora. (s.d.). Mano. In *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa*. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mano>
- Roque, R., & Pinto, M. A. G. (2023). Formas de tratamento no português europeu: Algumas considerações sobre formas neutras e não neutras. *REDIS: Revista de Estudos do Discurso*, 13, 218–260. <https://doi.org/10.21747/21833958/red13a8>
- Searle, J. (1969). *Speech acts: An essay in the philosophy of language*. MIT Press.
- Silva, A. K. (2020). *Formas de tratamento no português de Angola: Estudo sociolinguístico* [Tese de doutoramento, Universidade de Évora]. Repositório Universidade de Évora. <http://hdl.handle.net/10174/28355>
- Williams-van Klinken, C., & Hajek, J. (2006). Patterns of address in Dili Tetum, East Timor. *Australian Review of Applied Linguistics*, 29(2), 21.1–21.18. <https://doi.org/10.2104/ara10621>
- Williams-van Klinken, C., & Hajek, J. (2018). Language contact and functional expansion in Tetun Dili: The evolution of a new press register. *Multilingua*, 37(6), 613–647. <https://doi.org/10.1515/multi-2017-0109>
- Ximenes, E. S. (2012). *A importância do tétum no ensino e aprendizagem do português – Um breve estudo de unidades lexicais de origem portuguesa presentes no Matadalan Ortográfiku ba Tetun Ofisiál* [Monografia de licenciatura não publicada]. Universidade Nacional Timor Lorosa'e.